

INVEJA NA ESCOLA

Antonio Carlos Nogueira Reis
Advogado, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia.

Na mentira, existe uma forma mais amena, destituída de maldade e de certo modo justificável, que se costuma chamar de “mentira branca”. Na inveja, há também uma categoria diferente daquela perniciososa, temida e até doentia, capaz de causar dano a quem se destina. Refiro-me àquele tipo – por analogia eu chamaria de inveja branca – que nenhum mal pode causar. E foi desta natureza a inveja que eu senti ao assistir uma apresentação teatral ocorrida lá atrás, na minha infância, quando cursava o primário na Escola Maria Imaculada, da professora Olga Dias Costa, localizada no bairro dos Barris, onde residíamos, em Salvador.

Competente e rigorosa, Dona Olga costumava oferecer em seu colégio espetáculos protagonizados pelos próprios alunos. Um desses eventos ficou gravado na minha memória.

Dentre os coleguinhas da escola, dois deles tornar-se-iam meus grandes amigos até hoje: os irmãos Ernandi e Deraldo Cavalcanti de Faria. O primeiro um ano mais velho e o segundo da minha idade. Naquele tempo, um ano já fazia muita diferença, inclusive na estatura de um jovem em crescimento. Daí o maior relacionamento meu com Deraldo. Ele participava comigo nos “babas” jogados nas ruas do nosso bairro, na habitual frequência aos cinemas – especialmente aqueles que exibiam, antes do filme, os seriados de episódios com continuação na semana seguinte –, também nos jogos de sinuca e de botão (futebol de mesa, onde eu me destacava) e, quando a mesada permitia, dávamos uma escapulida aos bordéis...

Na profissão, nós três seguimos caminhos diferentes. Eu na advocacia, Ernandi e Deraldo na medicina. Ernandi, transferindo-se para São Paulo, especializou-se na cardiologia. Deraldo, permanecendo em Salvador, dedicou-se à dermatologia.

Voltando ao passado, estava eu assistindo a um daqueles espetáculos da professora Olga quando, abrindo-se as cortinas, aparece o cenário de uma pequena aldeia indígena e dali surge deslumbrante a figura central daquela apresentação: a Cabocla Maringá. Assim caracterizada por nossa coleguinha Leila – um morenaço, alta, esbelta, linda, longos

cabelos negros lhe cobrindo parte do corpo –, ela atrai a atenção geral da platéia. E nós, os meninos do colégio, tínhamos os olhos grudados naquela “cabocla”.

E aí entra no palco ninguém menos do que o Ernandi. Trajado como um sertanejo, ele inicia cantando a música-tema onde exalta o seu amor pela cabocla: “Depois que tu partiste/ Tudo aqui ficou tão triste/ (...)/ Maringá, Maringá/ Volta aqui pro meu sertão/ Pra de novo o coração/ Do caboclo assossegar”.

Eu daria tudo naquele momento para estar ali no palco, no lugar de Ernandi. Que inveja...

Até hoje, quando nos encontramos, os três velhos amigos, rimos muito ao lembrar daquele dia.